

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE CATALÃO - CESUC

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ADMINISTRAÇÃO

CAPITALISMO SELVAGEM X ECONOMIA DE COMUNHÃO (EdC):

A NOVA VISÃO ECONÔMICA

CRISTIANO ELIAS ROSA

CATALÃO - GOIÁS

JUNHO – 2001

CAPITALISMO SELVAGEM X ECONOMIA DE COMUNHÃO (EdC):

A NOVA VISÃO ECONÔMICA

CRISTIANO ELIAS ROSA

“O Conselho Nacional de Educação possui normas que fixam a necessidade do Estágio Supervisionado para o curso de Administração de Empresas.

Assim, este relatório foi realizado nos termos das exigências legais e de conformidade com o CESUC - Centro de Ensino Superior de Catalão.”

Dedico este trabalho a todos que, de certa forma, contribuíram para a realização do mesmo e a Ginetta Caliari, pela sua belíssima experiência já completada aqui, entre nós.

Gostaria de agradecer ao Prof. César Antonio de Oliveira, meu orientador, por ter me acompanhado na elaboração deste trabalho. Sua grande disponibilidade, seus comentários e leituras cuidadosas às várias propostas de capítulos, assim como sua confiança e paciência foram importantíssimas para a organização de minhas idéias e para o direcionamento da pesquisa.

Aos meus pais, Antônio Elias da Silva e Helena M. Rosa e Silva, as minhas irmãs e a toda turma do 8º período de Administração de Empresas – julho/2001 agradeço pela força e orações.

A Marques Silvano de Mesquita, agradeço por me ter sugerido o tema da EdC, realmente foi e continuará sendo uma pesquisa fascinante.

O maior agradecimento reservo porém a Pe. Fernando Amadio e a todos que fazem parte de alguma forma à EdC, pois foram a fonte primordial deste trabalho e servem como objeto importante para questões normativas que hoje em dia cava vez mais estão sendo consideradas.

“A história de toda sociedade humana, até os nossos dias, é a história de conflito entre classes. Entre o homem livre e o escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de ofício e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos se encontram sempre em conflito, ora disfarçado, ora abertamente, e que termina sempre por uma transformação revolucionária de toda a sociedade, ou então pela ruína das diversas classes em luta.”

*(Karl Marx e Friedrich Engels.
O Manifesto comunista, 1848)*

FICHA DE AVALIAÇÃO

“RESUMO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO PERANTE BANCA
EXAMINADORA CONSTITUÍDA PELO CESUC - CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE

CATALÃO, COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA OBTENÇÃO DA GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS.”

**CAPITALISMO SELVAGEM X ECONOMIA DE COMUNHÃO (EdC):
A NOVA VISÃO ECONÔMICA**

CRISTIANO ELIAS ROSA

Orientador: Prof. César Antonio de Oliveira

ÍNDICE

CAPÍTULO I

Introdução

| | | |
|-----|--|----|
| 1.1 | Assunto e sua importância | 11 |
| 1.2 | Objetivo | |
| | 1.2.1 OBJETIVO GERAL | 12 |
| | 1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 12 |
| 1.3 | Delimitação e estudo | 13 |

CAPÍTULO II

Metodologia de Pesquisa

| | | |
|-----|--|----|
| 2.1 | Coleta de Dados | 15 |
| 2.2 | Formulação do Problema de Pesquisa | 16 |
| 2.3 | Limitação do estudo | 17 |

CAPÍTULO III

Revisão Literária

| | | |
|-----|--|----|
| 3 | Introdução..... | 19 |
| 3.1 | Capitalismo Selvagem | 21 |
| 3.2 | Economia de Comunhão – EdC. | 23 |
| 3.3 | Capitalismo Selvagem x Economia de Comunhão – EdC..... | 26 |

CAPÍTULO IV

Resultados obtidos e análise

| | | |
|-----|--|----|
| 4 | Introdução | 31 |
| 4.1 | Resposta da pergunta de pesquisa | 32 |
| 4.2 | Resultados Obtidos | 33 |
| 4.3 | Análise proposta ou sugestões..... | 36 |

CAPÍTULO V

Considerações finais

5. Conclusão.....39

BIBLIOGRAFIA40

ANEXOS.....43

CAPÍTULO I

Introdução

1.1 Assunto e sua importância

Ao ser desafiado a elaborar uma proposta de trabalho para o final do curso de administração de empresas, uma série de questões de natureza teórico-prática se colocaram diante da constituição e definição das atividades a serem realizadas. Inicialmente, resolvi trabalhar com algo novo, e de certo modo desconhecido, algo que possa ampliar o lucro da empresa e possibilite um ambiente mais humano no trabalho. A EdC é uma proposta que extrapola estas exigências, pois segundo JOSÉ A. BERNI (1997), além da elaboração ética no trabalho, a educação de homens novos preparados ao ambiente comunitário, a EdC prevê a eliminação da pobreza. Este novo projeto econômico, criado em 1991 diante do temor causado pelo capitalismo selvagem, de acordo com ALBERTO FERRUCCI (1997) causa um “sobressalto de consciência” psicológica e moral, unindo economia e solidariedade.

Identificar as condições materiais e estruturais, caracterizar a clientela e levantar informações a respeito das questões consideradas problemáticas no interior da empresa, são aspectos distantes da minha experiência imediata. Contudo, ao escolher este tema “Capitalismo Selvagem x Economia de Comunhão (EdC): A Nova Visão Econômica”, reforço o compromisso de efetuar uma pesquisa bibliográfica que possa gerar um trabalho de qualidade.

Diante do exposto, ao analisar alguns autores relacionados com o tema, estarei inserindo os conhecimentos teórico-práticos no universo da realidade empresarial.

1.2 Objetivo

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Abordar as questões econômicas do capitalismo selvagem à economia de comunhão numa nova visão a partir da concepção de que o recurso econômico básico de qualquer organização é o conhecimento e o bem estar do indivíduo.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar informações sobre a formação do Capital Selvagem e a Economia de Comunhão.
- Discutir a modelagem do comportamento das empresas da EdC, para entender qual o impacto deste “novo comportamento” na economia e na sociedade como um todo.
- Apresentar alternativas possíveis e seus limites para explicar o comportamento das empresas da EdC, que dão espaço para incorporar na análise econômica um comportamento que vise o bem-estar de toda a sociedade, e que inclua aspectos culturais dos agentes econômicos.

1.3 Delimitação do estudo

O trabalho proposto tem a finalidade de delimitar a importância da proposta do modelo da Economia de Comunhão formulada pelo Movimento dos Focolares, procurando responder questões econômicas, políticas e sociais dentro de uma exigência ética.

Ressalta-se que o movimento dos Focolares, de acordo com PAULINE DE FARIA SEBOK (1999), é um movimento religioso e civil que tem por objetivo contribuir para um mundo mais justo e solidário. Esse movimento deu origem ao projeto Economia de Comunhão - EdC. Trata-se de uma prática econômica peculiar, baseada na constituição de empresas que têm por finalidade central, além de gerar emprego e renda, realizar a distribuição do lucro.

CAPÍTULO II

Metodologia de Pesquisa

2.1 Coleta de dados

Será utilizada uma pesquisa bibliográfica, procurando em livros, artigos, revistas especializadas, publicações de órgãos oficiais o que será de fundamental importância para o desenvolvimento da proposta deste trabalho. Como nossa cidade (Catalão) não existe ainda, empresas que participam da proposta EdC, fico impossibilitado de realizar uma pesquisa de campo mais aprofundada, ou seja, um estágio, porém aproveitarei de algumas visitas que realizei em algumas empresas na grande São Paulo nos anos 1998, 1999, 2000 e 2001 que aderem o modelo da EdC, para me embasar e principalmente farei uma busca mais detalhada sobre essas empresas, pela maior via de comunicação dos últimos tempos - a Internet.

Procurando responder a problemática desse trabalho foi elaborado, para a pesquisa de campo, o seguinte questionário:

- 1º Qual é a natureza deste novo processo EdC?
- 2º Quais as conseqüências desse processo para a classe operária e para a humanidade em geral?
- 3º O que realmente vem a ser EdC?
- 4º Quais as características mais significativas da EdC?
- 5º Estas empresas deixam espaço para a intervenção de Deus e se revelam como instrumento da Nova Evangelização da Igreja?
- 6º A EdC é considerada uma religião? Se não, qual seria então sua denominação religiosa?
- 7º Qual ramo de negócio pode aderir a esse processo?
- 8º Como uma empresa deve proceder para ser parte da EdC?

2.2 Formação do problema de pesquisa

A configuração de uma realidade social caracterizada por constantes mudanças, a emergência de novas habilidades, a alteração nas formas de se organizar a produção econômica são fatores que provocam diversas alternâncias nas relações de trabalho e, por conseguinte, na produção da vida material dos indivíduos. A existência de desníveis entre pessoas econômica e socialmente privilegiadas e pessoas marginalizadas desprovidas das condições mínimas para sobrevivência, acentuam fenômenos como a concentração de renda e a miséria em países considerados em desenvolvimento com altos índices de produção e de recursos naturais em um extremo e noutro a degradação do homem mostrada através da carência em todos os aspectos da vida material.

O que fazer para que essa carência seja amenizada e/ou exterminada? As pessoas necessitam de uma esfera adicional de vida social, de relacionamentos pessoais e de contribuição fora do trabalho, da organização, da sua própria área de conhecimento. Essa necessidade somente pode ser satisfeita pelo setor social de organizações comunitárias, para restaurar o senso de cidadania ativa e o conceito de totalidade do homem - este é o objetivo da EdC.

Ainda não entendemos muito bem como esse processo prevê a eliminação da pobreza, por enquanto, só podemos afirmar que explicitar este contexto é uma forma de estar atento para algumas questões de natureza ética. Ética, enquanto a possibilidade de redefinição de sociedade que se deseja constituir através da formação proporcionada pela EdC.

Assim, este trabalho visa questionar **como conseguem sobreviver no mercado, empresas tão atentas às exigências dos clientes com que tratam e ao bem de toda a sociedade?**

2.3 Limitação do estudo

Este estudo se limita a uma revisão histórica sobre o Capital Selvagem buscando o entendimento de como se deu o processo de EdC, qual o impacto da mesma na economia e na sociedade brasileira como um todo e, por fim, responder à problemática do mesmo **“como conseguem sobreviver no mercado, empresas tão atentas às exigências dos clientes com que tratam e ao bem de toda a sociedade?”**

CAPÍTULO III

Revisão Literária

3 Introdução

O início do século XXI, vivencia um complexo processo de mudanças que envolve todos os setores da vida humana. É uma época em que os velhos ramos de produção oriundos da metal-mecânica, da química ou do plástico estão em decadência e em seu lugar, como ocorre sempre nos processos históricos de transição do capitalismo, novos ramos produtivos oriundos do avanço tecnológico, do conhecimento científico estão ocupando a hegemonia do sistema produtivo.

A natureza desse novo processo, está ligada a uma nova fase do imperialismo, onde o grande capital busca reconfigurar novamente o mundo à sua maneira, tanto no plano econômico, quanto no político, social e cultural. Segundo EDMILSON COSTA (2000) o neoliberalismo é síntese deste novo processo de mudanças no sistema capitalista. A ideologia neoliberal procura manipular os sentimentos mais atrasados das massas, revigorando os preconceitos, açulando o individualismo, distorcendo o significado das coisas, reduzindo os fenômenos à sua aparência, de forma a ganhar os corações e mentes para o jogo do livre mercado e da livre iniciativa. Para tanto, conta com os meios de comunicação de massa, que se transformaram nos principais difusores desta ideologia.

Como conseqüência dessa mudança, evidentemente surgirão novos conflitos humanos, como acontece sempre que o sistema capitalista muda de pantamar.

Vale lembrar que os conflitos resultante das desigualdades econômicas intrínsecas, cuja principal característica está na divisão de tudo separando cada vez mais o homem do homem, o homem da natureza e o homem de si mesmo, reproduz discriminação, stress, violência urbana, fome, miséria, vícios, etc.

Diante de uma situação dessa ordem, com mudanças tão profundas é necessário repensar uma nova forma de interpretar o mundo, a partir da constatação de que os

fundamentos teóricos oriundos da segunda revolução industrial, que antes explicava o imperialismo, necessitam de uma releitura radical, posto que o capitalismo contemporâneo, apresenta-se ao mundo atualmente com uma qualidade nova denominada globalização e, portanto, precisa de uma nova interpretação.

Em meio dos novos desafios apresentados pelo capitalismo globalizado surge a Economia de Comunhão (EdC) impondo a todos que trabalham pela construção de um mundo novo, a necessidade de analisar esse tempo com uma visão de fraternidade universal que possa abrir caminho para uma mudança social e econômica suscetível de resultar numa transformação de dimensões sem precedentes, de decisão para o mundo como um todo.

As empresas que aderem ao projeto EdC, mesmo agindo no mercado, têm como propósito e como razão de existir, fazer da atividade econômica um lugar de encontro no sentido mais profundo do termo, um lugar de “comunhão”. É uma comunhão entre quem possui capitais e oportunidades econômicas e quem não as possui; comunhão entre todas as pessoas envolvidas de modos diferentes, na mesma atividade. Essas empresas estão chamando a atenção de economistas, sociólogos, filósofos, estudiosos de outras disciplinas e inclusive será assunto deste trabalho.

Procura-se conhecer esta abordagem, sem pré-julgamentos, buscando coerência ao expor este estudo, a fim de contribuir para uma melhor qualidade de vida, uma nova concepção de homem e por conseguinte, uma sociedade mais justa.

3.1 CAPITALISMO SELVAGEM

Entre as teorias que buscam explicar o que é o capitalismo, CATANI (1998) destaca duas grandes correntes representadas por MAX WEBER e KARL MARX.

A primeira corrente chamada culturalista busca explicar o capitalismo através de fatores externos à economia. A idéia principal no modo de pensar de Weber refere-se à extrema valorização do trabalho, de prática de uma profissão na busca da salvação individual. Segundo Weber o objetivo do capitalismo é, sempre e em todo lugar, aumentar o capital.

A segunda corrente denominada histórica, que parte de uma perspectiva histórica, para definir capitalismo como sendo um determinado modo de produção de mercadorias, gerado historicamente desde o início da Idade Moderna e que encontrou sua plenitude no intenso processo de desenvolvimento industrial inglês, ao qual chamou de Revolução Industrial. Estes requisitos Marx demonstrou terem sido estabelecidos através de um processo histórico que transformou as antigas relações econômicas dominantes no feudalismo, destruindo ao mesmo tempo que se construía o capitalismo.

Fica claro a existência de apenas duas classes no modo capitalista: burgueses e proletários; dois rendimentos: lucros e salários que em outras palavras, são na linguagem de economia convencional dois fatores da produção, capital e trabalho. O conflito humano resultante das desigualdades econômicas intrínsecas a estas duas classes são, para Marx, o ponto chave das sociedades industriais modernas, juntamente com o modo, a forma ideológica de manipular as idéias para que o grande povo não perceba o vínculo entre poder econômico e poder político e sua influência na qualidade de vida de todos (alienação política e cultural). (Carlos Antônio Fragozo Guimarães, 2000: www.geocities.com/Vienna/1809/Marx.html)

Senão vejamos: o capital aparece inicialmente, como uma relação social de classes: existe porque os meios de produção são controlados por uma classe e a outra possui

apenas sua força de trabalho para vender. O capital é, pois, inicialmente, uma relação social global, na escala de toda a sociedade. A desigualdade necessária entre a taxa de lucro e a da mais-valia é a própria condição que revela a natureza mistificada das leis econômicas do mercado: a base da alienação econômica, própria ao modo capitalista. O conflito entre o capital, como realidade social global ou individualizada, revela a natureza irracional do capitalismo e do cálculo de rentabilidade.

FREI BETTO (Jornal o Estado de São Paulo, de 17 de maio de 2000) afirma que a tendência do capitalismo é aguçar o egoísmo; dilatar ambições de consumo; ativar energias narcísicas; tornar os homens competitivos e sedentos de lucro. Esse capitalismo, pode ser chamado de capitalismo selvagem, por criar pessoas menos solidárias, mais insensíveis às questões sociais, indiferentes à miséria, distantes de iniciativas que visam a defender os direitos dos pobres.

O Capitalismo selvagem foi o nome dado àquele que prevaleceu na fase inicial do capitalismo industrial. Os males causados pela forma de capitalismo selvagem são representados pelos que se valem dos gigantescos meios eletrônicos atuais a fim de movimentar capitais puramente espoliativos, tendo como fonte de inspiração e objetivo exclusivo o lucro despido de qualquer sentido ético e produtivo: trata-se, portanto, de aplicações do capital totalmente à margem do binômio capital-trabalho e, como tal, compatível até mesmo com os valores que têm inspirado o capitalismo ao longo de sua história. (Copyright 1999 - *O Estado de São Paulo*)

3.2 ECONOMIA DE COMUNHÃO - EdC

A economia é uma necessidade. Para maior entendimento sobre EdC, faremos um breve estudo sobre a economia de mercado, ou seja, a economia em que a maior parte da produção é dividida em unidades especializadas que vendem o que produzem sob a forma de mercadorias. Segundo PAUL SINGER (1983) a característica essencial de uma economia de mercado é que cada unidade de produção, cada empresa tem liberdade para decidir o que vai produzir, quanto vai fazer de cada bem ou serviço e quanto vai cobrar por eles, visando o lucro. E por conseguinte, os consumidores são livres para decidir quanto desejam comprar de cada mercadoria.

O lucro é o que a empresa fica da receita das vendas, depois que pagou todas as despesas. Pois bem, lucros, juros, renda e tributos dão direito aos seus proprietários de se apropriar de parcelas do produto do trabalho humano. Estes rendimentos não criam valor, meramente regem a repartição do valor entre as classes sociais.

O sistema de mercado cria uma maneira de apropriar o fruto do trabalho. Esse é o sentido geral da economia capitalista: um conjunto de regras que cumpre duas funções fundamentais. Uma é permitir que, do trabalho social, haja um certo tipo de apropriação que possa, *reproduzir o sistema*. Os trabalhadores ganham um salário que permite que amanhã eles voltem a trabalhar. A segunda função dessas regras é dar a ilusão aos trabalhadores de que eles estão nisso *voluntariamente*. Na verdade o proletário está obrigado porque se não trabalhar, não ganhar salário, morre de fome.

A EdC, desfaz essa ilusão. Segundo BERNI (1997) a EdC significa a retomada de maneira positiva e ampla do conceito da ética, libertando-a da carga ética fetichista que o capitalismo impôs, recuperando/reconstruindo o conceito de totalidade do homem. A sua

organização consiste em um conjunto de empresas que procuram se desenvolver competentemente para enfrentar o mercado e que se propõem a objetivar o bem-estar social.

A Economia de comunhão é um projeto realista, que apresenta um modo coerente de unir a propriedade privada com a destinação universal dos bens. Para começar, as próprias empresas são propriedades privadas, e CHIARA LUBICH¹, ao indicar que os lucros sejam partilhados com os pobres e aplicadas na formação de homens novos, na liberdade, defende o direito à propriedade privada mas dá um forte impulso para realização da destinação universal dos bens. É um modo novo de tornar a propriedade privada aberta ao outro, sem anulá-la e, ao mesmo tempo, defender a liberdade, que é um aspecto importante dos direitos humanos conquistados.

A Economia de Comunhão, de acordo com SEBOK (1999:50), pretende favorecer a concepção do agir econômico como um compromisso, que abrange as idéias e a ação, que visa a promoção integral e solidária do homem e da sociedade. O agir econômico se insere num contexto antropológico completo, direcionando suas capacidades ao constante respeito e valorização da dignidade da pessoa, seja dos funcionários da empresa, seja dos destinatários.

A EdC é um projeto de âmbito mundial que atualmente envolve mais de 30 países, surgido em 1991, a partir do Movimento dos Focolares².

A sua organização consiste em empresas que procuram se desenvolver competentemente para enfrentar o mercado, mas que tem como objetivo primordial o “bem-estar social”. Este objetivo é realizado, por exemplo, através da divisão dos lucros econômicos em três partes: uma parte para investir na própria empresa; uma outra parte para

¹ CHIARA LUBICH - Fundadora e presidente do Movimento dos Focolares, que lançou a proposta da EdC, com o objetivo de suscitar empresas que dedicassem parte de seus lucros para ajudar os mais pobres.

² O movimento dos Focolares, de acordo com Pauline de Faria Sebok (1999), é um movimento religioso e civil que tem por objetivo contribuir para um mundo mais justo e solidário. A visão de mundo deste Movimento é a da fraternidade universal, onde os homens se comportam como irmãos, esperando contribuir, assim, à construção de um mundo mais unido.

investir em estruturas que sirvam para a formação de uma nova mentalidade onde o “dar” e o preocupar-se com o “outro” também adquiram valor e se tornem um objetivo de todas as pessoas da sociedade; e uma terceira parte enviada diretamente para atender às necessidades de famílias que se encontram em situação de pobreza.

São contudo, empresas que apresentam peculiaridades de comportamento significativas quando contrapostas ao comportamento da firma especificado na teoria microeconômica básica. As empresas da EdC têm fortes compromissos com a sociedade pois ao tomar suas decisões, os empresários levam em conta quais serão seus efeitos no meio social. Além disso, nessas empresas o relacionamento de harmonia entre os empregados, e da empresa com seus clientes e fornecedores é um objetivo primordial, tornando-se mais importante que o próprio lucro em certas situações.

3.3 CAPITALISMO SELVAGEM X ECONOMIA DE COMUNHÃO

O capitalismo tem seu início na Europa. Suas características aparecem desde a baixa Idade Média (do século XI ao XV) com a transferência do centro da vida econômica social e política dos feudos para a cidade.

Na Idade Moderna (séc. XVI), os reis expandem seu poderio econômico e político através do mercantilismo e do absolutismo. Com o absolutismo e com o mercantilismo o Estado passava a controlar a economia e a buscar colônias para adquirir metais através da exploração. Isso para garantir o enriquecimento da metrópole. Esse enriquecimento favoreceu a burguesia - classe que detém os meios de produção - que passou a contestar o poder do rei, resultando na crise do sistema absolutista. E com isso, estava garantido o triunfo do capitalismo.

No início do século XVII, o trabalhador foi forçado a procurar o capitalista para vender-lhe a sua força de trabalho, em troca de um salário. Foi o que fizeram os artesãos arruinados, e também os camponeses, que o capitalismo expulsava e expulsava de suas terras. Surgia, desse modo, a grande massa proletarizada e pobre das cidades, cuja única mercadoria são os seus músculos e o seu cérebro.

Nesse novo sistema de trabalho, o assalariado ganha menos do que merece. É nessa diferença que o capitalista recebe o lucro.

No século XVIII surge, na Europa, a indústria. Essa nova instituição de trabalho investiu nas máquinas a fim de produzir mais, em menos tempo. À medida que o capitalismo se expandia, a classe operária se desenvolvia com ele. A partir da segunda metade do século XVIII, com a Revolução Industrial, inicia-se um processo ininterrupto de produção coletiva em massa, geração de lucro e acúmulo de capital. Na Europa Ocidental, a burguesia assume o controle econômico e político. As sociedades vão superando os tradicionais critérios da

aristocracia e a força do capital se impõe. Surgem as primeiras teorias econômicas: a fisiocracia e o liberalismo.

No século XIX, as indústrias prosperaram. Como as empresas produziam quase que as mesmas mercadorias, os capitalistas inventaram a liquidação, a superliquidação, a arrasadora liquidação, a queima de inverno e a desculpa de mudança de ramo. Esta fase se manifesta a partir do momento em que o sistema mundial está constituído sob o bastão do capital monopolista - grupo de empresas que dominam o mercado.

A Revolução Industrial estabelece as principais fases do desenvolvimento capitalista, pelo simples motivo de que pressupõe a existência de certos níveis de acumulação capitalista sem os quais não parece viável a substituição da força de trabalho por máquina cada vez mais aperfeiçoadas.

CATANI (1998:50) afirma que: “A principal inovação da tecnologia nesta forma atual de capitalismo localiza-se no campo da eletrônica e da informática, através da criação dos computadores.” A máquina substitui a força humana enquanto o computador substitui as operações mais fatigantes e difíceis de cálculo cerebral, chegando a elaborar, com autêntico virtuosismo, decisões derivadas das ordens que a máquina-cérebro recebe.

É evidente que essa "revolução técnico-científica" implica uma nova fase do capitalismo que conduz até níveis insuspeitos a tendência para a sua própria concentração.

Todavia, o modo de produção capitalista continuou sendo o dominante em várias formações históricas e sociais. A partir do início do século XX o Estado começa a injetar recursos na economia, através de seus gastos. E tais gastos acabam funcionando como estabilizadores, atuando preventivamente contra as crises no investimento privado.

Neste sentido CATANI (1998) diz que o capitalismo do final do século XX é um capitalismo de empresas industriais gigantescas que lança, seus tentáculos por todo o mundo, aparecendo como um espectro multinacional onipresente e disperso.

É importante salientar que a globalização é um processo na configuração do capitalismo contemporâneo, que se expressa na reestruturação produtiva e na especulação financeira de caráter global, dois eixos que marcam a dinâmica do capitalismo atual e que tem como síntese ideológica o neoliberalismo. Esse processo tem sido o mais dramático possível, em pouco tempo desagregou sociedades, tornou os ricos mais ricos e ampliou a pobreza em praticamente todo o mundo. O neoliberalismo procura manipular os conceitos, a linguagem e até mesmo as palavras de ordem da esquerda para confundir a população e implementar seus objetivos estratégicos.

A exportação de capitais hoje difere significativamente do período da segunda revolução industrial. Segundo COSTA (2000) as modificações que o sistema capitalista vem sofrendo aprofundaram todas as suas contradições, podendo-se afirmar que estamos muito mais próximos do socialismo³, só que agora livre das deformações e dos desvios que ocorreram no recente passado socialista.

Em meio deste capitalismo selvagem e em favor da contenção de despesas sociais, sem reduzir os serviços oferecidos aos cidadãos, aparece a Economia de Comunhão (EdC) - o trabalho realizado não só em função da remuneração, mas também por solidariedade, respeito e atenção, isto é, por amor aos outros; e o trabalho feito por amor não só não tem preço, mas é imbatível no nível de serviços que presta o baixo custo.

A EdC Surgiu em 1991, por iniciativa de CHIARA LUBICH, durante uma viagem ao Brasil, o seu objetivo é oferecer, uma resposta ao drama de extrema pobreza das populações que estão privadas dos direitos humanos mais fundamentais.

“Sob o impulso da comunhão de bens, deveriam surgir aqui indústrias, empresas...Estes vários tipos de empresas seriam sustentadas por pessoas de todo Brasil; deveriam nascer sociedades empresariais onde cada um tivesse a possibilidade de participar (...).

³ O socialismo tem como objetivo instaurar uma sociedade superior ao capitalismo, basicamente em três aspectos: a economia não estaria mais sujeita a crises, a desemprego, a desperdício de recursos, porque ela seria planejada; a instauração da igualdade; e proporcionar a todos os membros da sociedade um grau muito superior de bem-estar material e de liberdade.

A gestão de tais empresas seria confiada a pessoas capazes e competentes, em condições de fazê-las funcionar com a máxima eficiência e lucratividade. E aqui está a novidade: este lucro seria colocado em comum. Deveria nascer assim uma economia de comunhão da qual esta cidadezinha⁴ seria um modelo. Também nós achamos, sem dúvida, que deva existir um capital, mas queremos colocar o lucro em comum livremente. Com quais objetivos? ...ajudar os que estão em necessidade, dando-lhes condições de vida e a possibilidade de um emprego (...) visando a formação de 'homens novos', cuja vida seja motivada pelo amor cristão, porque sem "homens novos" não se faz uma sociedade nova..." (Discurso pronunciado por Chiara Lubich na Mariapolis Araceli, 29 de maio de 1991)

Este projeto econômico tem como finalidade transformar a empresa numa verdadeira comunidade. É dada uma atenção especial ao respeito pelas normas de segurança, pelas condições ambientais e pela guarda da saúde dos trabalhadores, considerada como medida base para o tipo de tarefa confiada a eles, e pelo horário de trabalho.

Segundo FERRUCCI (2000), as empresas que aderem à Economia de Comunhão, no intento de desenvolver também relacionamentos econômicos reciprocamente úteis e produtivos, utilizam os mais modernos meios de comunicação para interligarem-se entre si em nível local e internacional.

O sucesso de muitas sociedades ao longo da história econômica demonstra que inovações institucionais podem ter um efeito positivo no desempenho econômico. Elas podem influenciar nos custos de transação. Se estes diminuírem é possível capturar um maior ganho nas trocas e portanto contribuir para a expansão de mercados.

⁴ Mariópolis Araceli, uma das 20 cidadezinhas-testemunho do Movimento dos Focolares, há 4 Km do Pólo Industrial Spartaco - protótipo de EdC -, localizado em Cotia/SP onde está instalada a La Tunica, (Indústria de confecções - objeto da pesquisa de campo deste trabalho), a Rotogine (de manufaturados plásticos), a Eco-Ar (de produtos de limpeza) e a Prodiet (distribuidora de produtos farmacêuticos e correlatos). (ver anexo)

CAPÍTULO IV

Resultados obtidos e análise

4 Introdução

Um dos princípios da EdC é transformar a empresa numa verdadeira comunidade. Empresários e empregados se reúnem periodicamente para avaliar a qualidade dos relacionamentos interpessoais, empenhando-se para juntos solucionar situações difíceis, estimulando inovações e incrementos na atividade produtiva. “No fundo, é a economia do amor, pois o amor é que conduz os seres à comunhão. é a economia da paz, pois, como o ódio leva à guerra, à desunião e ao conflito, o amor leva à comunhão, à participação e à paz.” (Chiara Lubich, apud Cidade Nova, 1998:31)

De fato, como em muitas outras realidades econômicas permeadas por motivações ideais, os que aderem ao projeto empenham-se antes de mais nada em colocar no centro da atenção, em todos os aspectos de suas atividades, as exigências e as aspirações da pessoa e as instâncias do bem comum.

Este capítulo tem a finalidade de verificar o grande desafio da EdC em nível de sobrevivência econômica procurando demonstrar com o resultado obtido da coleta de dados como é possível manter uma empresa e permanecer no mercado seguindo critérios ou lógicas de atuação diferentes das que há muito tempo vêm sendo ensinadas. E inclusive sem nenhum apoio ou sustento de qualquer instituição.

4.1 **Resposta à pergunta de pesquisa**

Como empresas tão atentas às exigências do mercado e ao bem de toda a sociedade, podem sobreviver em meio de um capitalismo selvagem?

O espírito que impulsiona a EdC ajuda a superar muitos contrastes internos que criam empecilhos e, em certos casos, paralisam todas as organizações humanas. Além disso, o seu modo de operar atrai a confiança e a estima dos clientes, fornecedores ou financiadores.

No entanto, não se pode esquecer um elemento fundamental: a valorização do potencial humano, que acompanha o desenvolvimento da EdC. Nessas empresas deixam-se espaço para a formação de homens novos, inclusive buscam suprir as necessidades, que livre os funcionários de situações negativas de desequilíbrio emocional nas ações econômicas concretas. Essas empresas dão ênfase à realização, ao reconhecimento, ao próprio trabalho, à responsabilidade e ao crescimento espiritual e profissional, buscando conhecer profundamente as necessidades dos funcionários e não seguir qualquer receita do capitalismo selvagem.

Esta é em linhas gerais, a Economia de Comunhão.

4.2 Resultados obtidos

EMPRESA: LA TUNICA - Confecções Indústria e Comércio Ltda

- *Abrigos em malha e tactel*
- *Linha sportwear (jeans)*
- *Linha infanto-juvenil Pepê e Jotabê*
- *Uniformes escolares*

CGC 67 218 321/0001-38

INSC. EST.: 720 005 096 112

ENDEREÇO: Estrada da água espreiada, 5450 - Cotia - SP - POLO SPARTACO

CEP 06720-000

TEL/FAX: (011) 7921 11 25

A La Tunica foi a primeira e imediata resposta à proposta da EdC, que começou a funcionar com pouco capital, apenas uma máquina de costura semi-industrial e duas máquinas de costuras simples, e recebeu da própria fundadora do Movimento dos Focolares - Chiara Lubich - o nome de La Túnica.

Bastante incentivada com o projeto EdC e confiante na palavra de Deus, em 1991, Maria Aparecida dos Santos Veigas juntamente com quatro amigas começaram a trabalhar em uma casa pequena (30m²), nem todas eram costureiras, portanto elas ajudaram-se mutuamente e cada uma colocou o próprio talento de inteligência, a aptidão empresarial, a competência e a

profissionalidade, para funcionar. Aos poucos a empresa foi investindo na formação de novas funcionárias e, em consequência, crescendo em tamanho, produção. Segundo Maria do Carmo Gaspar, sócia da La Tunica (entrevista concedida à Cidadenova, 1999) a La Tunica é também uma espécie de escola, na qual todos crescem juntos e prestam serviços à sociedade, seja com os produtos, seja preparando pessoas capazes e realizadas, o aprendizado com o posterior conhecimento gerado e utilizado, é o seu principal diferencial competitivo.

O espírito de comunhão que dá forças e ânimo à La Túnica faz da confecção um exemplo de gestão participativa. Todos os meses sua equipe reúne para discutir os novos projetos e partilhar as dificuldades, alegrias e experiências pessoais. Essas reuniões servem como motivação a todos os funcionários que na maioria são mulheres, e dão a possibilidade de se interessarem pelo andamento geral da confecção e, de alguma forma, participarem de cada etapa do processo. Inclui, obrigatoriamente, o uso intensivo da Tecnologia da Informação, mas está permanentemente voltada para a manutenção de um ambiente organizacional que seja, acima de tudo, inspirador. É assim que a criatividade é despertada.

As condições de trabalho da La Túnica são adequadas. A confecção respeita as normas de segurança, com ventilação e iluminação apropriadas, nível tolerável de ruído, procura evitar uma carga horária excedente. Além disso, toma as devidas providências para não danificar o meio-ambiente e procura economizar energia e reservas naturais, durante a produção e durante todo o ciclo de vida do produto. Os funcionários procuram manter os locais de trabalho organizados, limpos e agradáveis.

A La Túnica, estabelece uma comunicação aberta e sincera que favorece o intercâmbio entre diretores e funcionários, procurando utilizar os mais modernos meios de comunicação, finalizando relacionamentos econômicos reciprocamente úteis e produtivos. A empresa faz tudo de acordo com a Lei, preocupa também em partilhar seus lucros e participar

do sucesso dando importância às dificuldades ou insucessos dos outros, num espírito de colaboração na construção de um mundo melhor, mais justo e solidário.

Todas essas coisas, apesar de básicas, não são feitas pelas empresas capitalistas. É o amor que está nessa cultura da partilha que completa a confiança nos parceiros e conta com a ajuda de todos. A experiência da EdC, com as particularidades que derivam da espiritualidade da qual nasce, coloca-se ao lado de numerosas iniciativas individuais e coletivas que procuraram e procuram humanizar a economia: iniciativas de muitos empresários e trabalhadores, que concebem e vivem a própria atividade econômica como algo a mais e diferente da simples busca de uma vantagem material.. (Antonio Maria Baggio, apud Cidadenova, 1999:21)

De fato, o maior esforço da equipe da La Túnica é colocar o ser humano, e não o lucro, no centro de suas atenções. Além da atenção dedicada aos funcionários e aos pobres existe a preocupação com o consumidor e com as suas verdadeiras necessidades. Segundo Maria do Carmo Gaspar, na moda seria fácil seguir caminhos já abertos pela publicidade, que muitas vezes explora os impulsos instintivos para induzir o consumo. A equipe da La Túnica é orientada à geração de lucro, porém o objeto da atenção é a pessoa, no respeito à sua dignidade, para responder às suas necessidades reais, com produtos bonitos, harmoniosos e de qualidade. Assim o trabalho se torna um serviço que contribui à renovação da sociedade.

4.3 **Análise proposta ou sugestões**

Na primeira fase da Revolução Industrial, a fábrica era o lugar por excelência do novo sistema produtivo. Hoje, esse papel é desempenhado pela empresa. Segundo Vera Araújo (Cidadenova, 1995:20) “pequena, média ou grande, ela não é apenas o pivô da economia industrial moderna, mas é vista muitas vezes como um verdadeiro ‘santuário’ do progresso e do desenvolvimento.”

Tendo consciência desta realidade e preocupada com o desenvolvimento e comunhão da humanidade, Chiara Lubich cria em 1943 o Movimento dos Focolares e, pouco a pouco, elabora e coloca em execução o projeto Economia de Comunhão (1991). Chiara quer transformar as estruturas das empresas tradicionais, direcionando todos os seus relacionamentos intra e extra-empresariais à luz de um estilo de vida de comunhão.

A EdC não é uma teoria como as que existem hoje, porque não é somente uma técnica econômica. As empresas procuram viver de modo muito concreto uma cultura da partilha e um compromisso com a justiça social, dentro de uma ética profissional e uma moral cristã..

Como em muitas outras realidades econômicas permeadas por motivações ideais, os que aderem ao projeto, empenham-se antes de mais nada em colocar no centro da atenção, em todos os aspectos de suas atividades, as exigências e as aspirações das pessoas e as instâncias do bem comum.

Hoje, em todo o mundo, são mais de 700 as pequenas, médias e grandes empresas que aderiram à EdC. No Brasil se encontra 80 delas, segundo Chiara Lubich (apud Cidadenova, 1999). Estas empresas conseguem aliviar um pouco as necessidades dos pobres, portanto falta muito para a realização do sonho de Chiara. Sua maior expectativa é de que

todos se interessem pela EdC, para estimular, sustentar e sugerir novos caminhos, para a empresa obter os lucros a serem partilhados.

Na EdC pode-se encontrar a doutrina do carisma da unidade, ou seja, uma visão do todo e das partes, do uno e do múltiplo, na qual as particularidades e belezas de cada um permanecem no uno graças à uma dinâmica de comunhão entre os homens. A realidade é esta: o ser humano forma uma única globalidade em si mesmo. E quando se toca um ponto deste sistema-pessoa, se coloca em movimento todo o sistema e o ponto econômico é um ponto dos pontos importantes. O homem é feito também da dimensão econômica, que forma uma única realidade integrada com as outras dimensões. Quando se toca a dimensão econômica, as outras se recolocam em movimento.

Isso faz pensar que não se pode excluir o carisma das atividades econômicas, porém não se pode fazer o contrário. Está aí a bipolaridade, ou seja, a fé deve induzir a afinar todos os instrumentos humanos, a iniciativa, a capacidade econômica e profissional.

Por isso, Chiara coloca-se perante as Palavras de Jesus numa atitude de amor, vivendo-as como um autêntico encontro pessoal com Deus que fala e se comunica, inspirando uma nova linha de vida, fundamentalmente em princípios cristãos - não descuidando, e sim pondo em evidência valores paralelos presentes em outros credos e diferentes culturas - trazendo, justamente a paz e unidade ao capitalismo selvagem, necessitando de reencontrar ou de consolidar a paz.

CAPÍTULO V

Considerações Finais

5. Conclusão

Desde a Antigüidade algumas pessoas, preocupadas com a vida em sociedade, pensavam em modificar a organização social e assim melhorar as relações entre os homens. Na Idade Moderna também houve essa preocupação. Entretanto, com as grandes desigualdades sociais criadas pela Revolução Industrial, as idéias de reformar a sociedade ganharam mais força. Foi assim que surgiu o Movimento dos Focolares e posteriormente a Economia de Comunhão. Surge não somente a comunhão dos bens, mas uma comunhão de pessoas, porque se doa algo de si mesmo, então nasce uma nova mentalidade: a cultura do dar.

O que está acontecendo, hoje, não é só um fato econômico, é um fato sociológico, isto é, um novo modo de relações sociais concretas. Além de um efeito sociológico, também está acontecendo um grande fenômeno antropológico. Pelo que foi estudado até agora, a EdC recoloca em todos os sentidos, a pessoa no centro do fato econômico e estimula fortemente o crescimento integral, completo do homem. Viu-se na EdC, o seguinte: uma nova sensibilidade às necessidades dos outros; uma revisão dos próprios orçamentos pessoais, familiares e de comunidade; observou-se que quem já doava, doa mais; mesmo quem tem pouco, pode doar.

Chiara, criadora da EdC, é bem consciente que o ser humano age dentro de um sistema de economia de mercado.

Enquanto que o Capitalismo Selvagem é uma economia prisioneira na qual se encontram embaraçados tanto os pobres como os ricos a EdC é uma economia liberta: procura o lucro, mas o procura sem tornar-se escrava dele, não está voltada sobre si mesma. Dentro desse sistema cria um novo modo de fazer economia, que insiste na formação de homens novos: este é todo o empenho de Chiara, para dar ao homem, o seu vigor humano, porque quanto mais se abre para a comunhão, mais se reencontra a realização humana autêntica, verdadeira, profunda e livre.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Vera. **Empresa Lugar de comunhão**. Cidade Nova, ano XXXVII - nº 11 - novembro de 1995.

BERNI, José Alberto. **Ética e economia: uma proposta**. Tese de mestrado: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1997.

CAMPOS, Vicente Falconi. **Como garantir a qualidade**. In: *TQC - Gerenciamento da rotina do trabalho do dia-a-dia*. Rio de Janeiro: Bloch, 1994.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo**. São Paulo: Brasiliense S.A, 1998

COLLET, Luciana e PEIXOTO, Silva. **A “La-Tunica”, uma das primeiras empresas da economia de comunhão, é uma demonstração de que este projeto é possível**. [Http://www.net-rubi.com.br/edc/edcjanfev2000cn18.html](http://www.net-rubi.com.br/edc/edcjanfev2000cn18.html), 2000.

COSTA, Edmilson. **Para onde vai o capitalismo? Notas sobre a globalização neoliberal e a nova fase do imperialismo**. [Htt:// sites.uol.com.br/globalization/Paraondevai.htm](http://sites.uol.com.br/globalization/Paraondevai.htm), 2000.

DAVID, Gilvan. **Economia de Comunhão - Um novo agir na economia**. Revista Cidade Nova ano XLI, nº 1-2, jan, fev. de 1999.

DRUCKER, Peter. **Sociedade Pós-capitalista**. 7ª edição; São Paulo: Pioneira, 1999.

ECONOMIA de Comunhão. **Projeto Economia de Comunhão**. [Htp://www.focolares.org.br/Pageedc.Html](http://www.focolares.org.br/Pageedc.Html), 2000.

ECONOMIA de comunhão **na liberdade** - EdC. Noticiário interno do Movimento dos Focolares Ano XIII, 1996.

FERRUCCI, Alberto. **Economia de comunhão na liberdade**. [Htp://www.focolares.org.br/Pageedc.Html](http://www.focolares.org.br/Pageedc.Html), 2000.

FRANÇOIS, Chesnais. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

FREI Betto. **O espírito capitalista**. Jornal o Estado de são Paulo, de 17 de maio de 2000.

FURTADO, Milton Braga. **Síntese da economia brasileira**. 6ª edição; Rio de Janeiro: ABDR - associação brasileira de direitos reprográficos, 1988.

GODELIER, Maurice et all. **Economia**. Rio de Janeiro: Instituto de Documentação Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

MELLO, Maria de Lourdes Rollemberg. **Globalização da economia, exclusão social e instabilidade**. [Http://sites,uol.com.br/globalization/globec.htm](http://sites,uol.com.br/globalization/globec.htm), 2000.

MOREIRA, José Octávio de Campos & JORGE, Fauzi Tímaco. **Economia: notas introdutórias**. São Paulo: Atlas, 1995.

PELIGRA, Vitório. **O capital social**. Revista Cidade Nova ano XLII, nº 5, maio de 2000.

SEBOK, Pauline de Faria. **Economia de Comunhão: uma proposta inovadora de comportamento econômico**. Universidade de São Paulo Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - Deptº de Economia, São Paulo, 1999.

SINGER, Paul. **Aprender economia**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ANEXOS